



Bourdieu & Sayad: o forjar de uma sociologia sobre a ordem colonial em tempos de guerra

Gustavo Dias¹

Bourdieu & Sayad: the forging of a sociology on the colonial order in times of war

Bourdieu & Sayad: la forja de una sociología sobre el orden colonial en tiempos de guerra

Resenha do livro: PÉREZ, Amín. *Combattre en sociologues. Pierre Bourdieu & Abdelmalek Sayad dans une guerre de libération (Algérie, 1958-1964)*. Marseille, Éditions Agone, 2022.

Que papel as ciências sociais podem assumir diante de um regime sustentado na exploração brutal? Como um jovem professor, e seu também jovem estudante, em meio a um cenário de guerra, desenvolveram técnicas de pesquisa capazes de percorrer campos de concentração e espaços tomados pelo exército e forças paramilitares? Como ambos estabeleceram relações simétricas no campo de pesquisa e colocaram em xeque uma agenda política e acadêmica conservadora? Essas são algumas das importantes questões levantadas pelo recém-publicado livro *Combattre en sociologues. Pierre Bourdieu et Abdelmalek Sayad dans une guerre de libération (Algérie, 1958-1964)*, do sociólogo Amín Pérez, pela editora francesa Éditions Agone. Trata-se da mais recente publicação da coleção *L'Ordre des choses*, que tem, como objetivo, reunir obras de diferentes gerações

1 Universidade Federal de Minas Gerais – Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) – Minas Gerais – Brasil – tentonidias@hotmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-5325-3253>

de cientistas sociais comprometidos em valorizar a pesquisa de campo como forma de denunciar as relações de dominação que percorrem o tecido social.

O livro explora como Pierre Bourdieu e Abdelmalek Sayad, por meio de uma pesquisa que entrelaçou dados estatísticos com pesquisa de campo, desenvolveram uma sociologia crítica sobre a ordem colonial e, também, estabeleceram uma longa amizade que se estenderia até o final de suas vidas. Sua publicação ocorre em um ano bastante particular. Primeiro, por se tratar dos 60 anos de independência da Argélia. Marca o fim de 132 anos de colonização francesa, que custou a vida de aproximadamente 250.000 a 400.000 argelinos (segundo o próprio estado argelino, esse número poderia alcançar 1,5 milhões). Um segundo ponto, é o fato de completarmos 20 anos da morte de Pierre Bourdieu (1930-2002).

Vale a pena iniciar essa resenha logo pelo título do livro: *Combattre en sociologues*. É bastante conhecida, entre o público acadêmico brasileiro, a frase “A Sociologia é um esporte de combate”, proferida pelo próprio Bourdieu, e que aparece no documentário homônimo, dirigido por Pierre Carles, de 2001. Em dado momento do vídeo, em uma entrevista para a rádio *Droit de Cité (RDC)*, o sociólogo define a sociologia como um esporte que não seria destinado para o ataque, mas para a autodefesa e a reivindicação contra as diferenças excluídas produzidas na sociedade. Ele demonstra o papel extra-acadêmico que a sociologia deve assumir, sem perder sua rigorosidade científica. Dito isso, escrevo com segurança que *Combattre en sociologues* retoma esse espírito. Todavia, capta bem o momento de suas origens.

Ao lê-lo, é inevitável não imaginar como esse intelectual, sendo entrevistado em uma rádio e já conhecido internacionalmente, vinha forjando tal definição décadas antes da célebre frase. E não sozinho; mas, ao lado de um jovem professor escolar argelino, envolvido com a luta anticolonial por meio de movimentos estudantis e trabalhistas. A sociologia, nesse caso, surge como arma de resistência em um contexto mais dramático: o da guerra colonial. O que temos, portanto, nesse livro, é o papel que a pesquisa sociológica crítica e engajada pode assumir em uma guerra. Pérez demonstra, a partir do título, como Bourdieu e Sayad elaboraram uma sociologia enquanto arma de defesa na luta anticolonial. Expõem as origens e as consequências desse fenômeno social, com o claro objetivo de incitar o debate pela emancipação social de populações desprivilegiadas. E, no correr das páginas, encontraremos uma abordagem que estimula o leitor a pensar como as construções intelectual e política desses dois jovens sociólogos podem ser compreendidas por meio do universo social em que viveram. Aqui, presumo encontrarmos o elemento central do livro: a sociologia produzida por

Sayad e Bourdieu, na Argélia, e seu desdobramento na França, são parte constituintes de suas trajetórias de vida e de sua amizade afetiva e intelectual.

Nessa direção, esse belo *Bildungsroman* sociológico se organiza em duas partes. A primeira recebe o título *La sociologie comme émancipation* e é composta por três capítulos. Os dois primeiros capítulos se estruturam, cada um, em dois blocos – o primeiro, focado em Sayad; e o segundo, em Bourdieu. Por meio deles, o leitor é levado a conhecer o que Pérez define como “as origens de um saber subversivo”. Em outras palavras, explora como suas respectivas posições políticas e intelectuais foram desenvolvidas nesse mundo social em questão até a vida adulta. Pontos de similaridade em suas respectivas trajetórias de vida também são abordados nesses capítulos. Talvez, o que mais desperte a atenção é o fato de Sayad e Bourdieu terem crescido em famílias progressistas, de origens modestas, e terem tido acesso a um universo educacional de excelência.

A trajetória de Sayad se inicia ao explorar a sua infância em Aghbala, na pequena Cabília, e a dificuldade em completar seus estudos, em virtude das constantes migrações ou fugas que sua família precisou realizar. O motivo para tal vida em mobilidade é decorrente das represálias políticas vividas pelo pai² que, secretário de uma comunidade, não poupou esforços em denunciar casos de corrupção, exploração trabalhista e desvio de recursos vitais de comunidades rurais produzido por lideranças locais aliadas com o regime colonial francês. Fica claro que, para a família, o acesso à educação seria a melhor e, possivelmente, a única maneira de os filhos homens ascenderem a posições sociais no sistema colonial em que viviam³. Isso culminará na sua entrada na prestigiada *École Normale* do *Instituteurs de Bouzaréa*, no subúrbio de Argel, entre 1952 e 1956 (ENIB, 2022). Sayad mergulha, nessa etapa, na leitura de escritores anarquistas, sindicalistas revolucionários e militantes comunistas antistalinistas, caracterizados por um indissociável compromisso reflexivo e político ao lado do movimento operário.

Torna-se, então, professor primário e ativo militante anticolonial. Acompanhamos uma nova etapa na formação política de Sayad. Da violência campesina, ele passa a acompanhar, com interesse crescente, os movimentos reivindicatórios pela independência argelina. É nesse momento, como o livro cuidadosamente demonstra, que Sayad, enquanto intelectual, adere ao movimento Liberal; e isso precisa ser compreendido com atenção. Ele se torna um militante anticolonialista

2 Como Pérez demonstra, esse forte posicionamento político da família remonta à figura de seu bisavô materno, Abbas, que, sem reservas, participou da Revolta Mokrani, em 1871. Tratou-se de uma importante insurreição cabila contra as condições de vida paupérrimas geradas pela metrópole, durante passagem da Segunda para a Terceira República Francesa.

3 Sayad teve quatro irmãs e foi o único filho homem.

que combate a ideologia dos ultras da “Argélia Francesa” e seu braço armado, o OAS⁴. Entretanto, também é crítico ao movimento nacionalista, promovido pela esquerda argelina e francesa, e que se fará presente na Frente Nacional de Libertação (FLN). O motivo central é o fato de que o movimento nacionalista exclui, de sua agenda de libertação, parcelas significativas de outras nacionalidades que foram trazidas pelo sistema colonial francês para dentro do território argelino. Dentre eles, trabalhadores europeus. E, para tal proposta progressista, a agenda do movimento liberal da época era a mais promissora (Sayad, 1960).

É então que, entre 1958 e 1961, Sayad entra na Universidade de Argel para realizar os cursos de Filosofia e Psicologia, bem como Moral e Sociologia. Pouco interessado no curso sobre Kant, ministrado pelo titular da cadeira de filosofia, Sayad resolve acompanhar o curso ministrado por um jovem professor que acabara de publicar *Sociologie de l'Algérie*. Trata-se do próprio Pierre Bourdieu, que também veio de um pequeno povoado rural. Filho de um funcionário dos correios, a família apostou na educação como forma de projeção social. Sua trajetória educacional o leva para o Lycée Louis-le-Grand, em Paris, e, em seguida, passa a frequentar a instituição acadêmica de maior prestígio do seu país: a *École Normale Supérieure* (ENS). Em 1955, Bourdieu precisa interromper seus estudos em filosofia, sob orientação de Georges Canguilhem, para prestar o serviço militar francês. É, então, enviado para a Argélia, onde, diante da experiência ali vivida, aprofundará sua mudança da filosofia para a sociologia (Bourdieu, 2005). Concluídos os serviços administrativos militares, em 1958, torna-se professor assistente de filosofia.

Todavia, nem a sua origem social camponesa e provincial, nem a sua formação escolar erudita e prestigiosa, nem o cenário político francês da época o haviam preparado para o que encontraria na Argélia. De forma interessante, Pérez parece se aproximar da análise tecida por Kamel Chachoua (2012), a respeito da posição de Bourdieu acerca desse país. A guerra pela libertação argelina merecia rigor científico para ser compreendida. A Argélia já não era esse país “de árabes e cabilas”, essa “colônia francesa do Norte de África”, mas, sim, um país e uma nação em desenvolvimento (Chachoua, 2012: 4).

Portanto, incursões a campo se tornam uma marca nos estudos etnosociológicos de Bourdieu. Seu objetivo inicial é fugir de trabalhos etnológicos alicerçados em categorias jurídicas, produzidas, sobretudo, por orientalistas, oficiais do exército sobre as populações localizadas nos universos rural e urbano (Bourdieu e Mammeri, 2022). Porém, não só. Bourdieu questiona estudos etnográficos produzidos na África. Por exemplo, questiona os trabalhos produzidos por

4 Organisation Armée Secrète.

Germaine Tillion, que, focados na ideia de aculturação, desconsideravam a relação entre pobreza campesina e o longo regime colonial francês em território argelino. Por outro lado, produziu duras críticas a Michel Leiris, que, em seu ensaio *L'Ethnographie devant le colonialisme* (1950), focado em denunciar o papel de cumplicidade produzido por etnólogos com suas metrópoles, desconsiderava a possibilidade de o pesquisador poder adotar, por exemplo, uma solidariedade de classe para superar tal impasse (2021). E, ainda, discordaria de Franz Fanon que, em *Os Condenados da Terra*, entendia o campesinato proletarianizado e desenraizado como uma suposta força revolucionária.

Não por acaso, sua disciplina e pesquisa viriam a atrair um considerável público – incluindo o próprio Sayad –, ao fugir de uma literatura demasiada convencional que, costumeiramente, era acionada na formação dos estudantes. Juntamente com o ensino da sociologia francesa, das antropologias funcionalista, estruturalista e culturalista, Bourdieu, aos poucos, aciona escritores argelinos, que produziam etnologia por meio de romances, como Mouloud Mammeri, Mohammed Dib e, em particular, Mouloud Feraoun, por exemplo.

Como o livro bem explora, Bourdieu passaria de um anticolonialismo moral (antes de chegar à Argélia) a uma posição de reivindicação da independência, que, assim como Sayad, não o impede de constatar as contradições e as lutas de interesses do campo nacionalista, em particular, com intelectuais franceses de esquerda, que, segundo ele, estavam bastante distantes da realidade vivida na Argélia. O serviço militar, em tempo de guerra, permite-lhe compreender como um compromisso a favor dos subjugados pode encontrar sentido na produção de um conhecimento, enquanto instrumento de exposição das relações de dominação. Já para Sayad, o movimento liberal o sensibilizou para a necessidade de um compromisso, ao mesmo tempo político e erudito, como pré-condição para a emancipação social e a construção de um país capaz de agregar diversas nacionalidades, que partilhavam as dores do regime colonial. Essas experiências os levam para uma sociologia entendida enquanto uma ferramenta útil às lutas contra o colonialismo. Assim, surge uma sociologia focada na compreensão da ordem colonial.

Ao longo dos três capítulos que compõem a segunda parte do livro, *La libération par la connaissance*⁵, acompanhamos como essa sociologia será produ-

5 Não é explícito, mas aparenta que o autor não escolheu à toa o título dessa segunda parte. Ao se valer da expressão *A libertação pelo conhecimento*, Pérez parece dar movimento ao título de um outro livro que, em uma livre tradução para o português seria *A liberdade através do conhecimento* (2004). Trata-se de um livro organizado por Jacques Bouveresse e Daniel Roche e que reúne uma série de artigos assinados por renomados pesquisadores explorando diferentes faces da sociologia bourdieusiana.

zida em meio à escalada de violência promovida pelo exército colonial francês, por paramilitares da OAS e pela contraofensiva da FLN. Ainda que o livro não sugira isso, eu diria que é possível acompanharmos como ela compõe-se em três frentes: levantamento e análise de dados estatísticos, pesquisa de campo e diálogo contínuo com ativistas e intelectuais anticoloniais.

Por um lado, Bourdieu, em particular, estava preocupado em compreender padrões sociológicos. Graças às técnicas estatísticas, ele consegue apresentar a dimensão de lenta transformação que o sistema colonial francês impunha à população argelina e que produziam padrões econômicos e sociais. Tais padrões, em longo prazo, permitiam, também, entender criticamente o real impacto da mutabilidade que presenciavam no tempo presente. Para tal, a leitura crítica e rigorosa dos dados coletados pela *Association pour la Recherche Démographique, Économique et Sociale* (ARDES)⁶ foi fundamental. Como o livro expõe, Bourdieu estava em diálogo com Jacques Berque e acompanhava o trabalho de Georges Balandier, sobre a situação colonial. Isso leva Bourdieu a adotar uma abordagem preocupada em restituir a historicidade das sociedades coloniais e o presente político em que vivem.

A etnosociologia realizada com camponeses e operários, por sua vez, teria a capacidade de denunciar as formas de submissão e exploração que o capitalismo colonial produzia sobre a grande massa de trabalhadores argelinos no dia a dia. Uso de fotos, entrevistas, notas realizadas em cadernos de campo são fundamentais para retratar como a perda do direito à terra, o êxodo rural e a introdução da troca monetária, pouco a pouco, destroem as estruturas econômicas e temporais de sociedades tradicionais (Bourdieu, 2006). A pesquisa de campo vem para dar dinamismo e possibilitar uma análise crítica sobre os números coletados pelo próprio INSEE. O resultado dessa combinação de pesquisa qualitativa e quantitativa pode ser encontrado nos clássicos estudos *Le Déracinement* e *Travail et travailleurs en Algérie*.

Em relação à terceira frente, Pérez resgata um cenário intelectual amplo, que transita pelo Magrebe, França e outras localidades. O objetivo é apresentar, ao leitor, como Bourdieu e Sayad não foram os únicos a aceitarem o desafio de compreender os mecanismos que produziam e sustentavam regimes coloniais, bem como buscar alternativas de superação. Como citado anteriormente, os exemplos de escritores argelinos, de outros ativistas e de intelectuais anticoloniais das colônias e da metrópole também estavam dedicados a pensar alternativas para uma sociedade capaz de atingir não só a independência, mas uma

6 Tornou-se a *Association Algérienne pour la Recherche Démographique, Économique et Sociale* (AARDES), após a independência (Chachoua, 2012).

real condição de emancipação política. Este é um momento importante, que, como Julian Go chama a atenção, compõe a primeira onda de escritores pós-coloniais, que surgiram da luta anticolonial (2016 e 2018).

Dentre eles, estariam “[...] pensadores como Frantz Fanon (1925-1961), Aimé Césaire (1913-2008), Amílcar Cabral (1924-1973), C.L.R. James (1901-1989) e W.E.B. DuBois (1868-1963), entre outros” (Go, 2018: 13). Não por acaso, acompanhamos, ao longo do livro, como Sayad e Bourdieu travaram diálogo com escritores dessa primeira onda e que estavam focados no Magrebe. Dentre eles, destaco a cuidadosa análise que Pérez faz sobre a leitura que Sayad realizou em torno do clássico livro *Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizado*, de Albert Memmi, publicado em 1957.

Trata-se de reflexões que transitam entre a esfera acadêmica e política, uma marca da sociologia produzida por esses dois jovens sociólogos. Pérez resgata uma longa carta de Sayad endereçada para Bourdieu, de 1959, onde expõe suas análises sobre o clássico livro do intelectual tunisiano. Inicialmente, Sayad se junta a Memmi na análise do processo de racionalização que levou colonizadores e colonizados a aceitarem suas respectivas condições. Para Sayad, a reivindicação do colonizado, da injustiça dos atos e sua justificação pelo colonizador são as duas faces de uma mesma relação de dominação. Todavia, o sociólogo argelino não estava conformado com isso. Ele, então, tece uma análise que avança para a necessidade de colonizadores e colonizados alcançarem a consciência-de-si nessa relação.

Para Sayad, este é o elemento fundamental para entender tal relação como histórica e, portanto, passível de ruptura. Conforme ele afirma, o desafio é atingir as relações de dominação que estruturam as condições do colonizador e colonizado e superá-las concretamente. Isso era algo que, segundo ele, Memmi não faz completamente. Para ele, na medida em que o intelectual tunisiano condena o colonizador a permanecer colonizador, ele se fecha em uma reflexão conservadora, incapaz de dar a perspectiva de uma evolução. Tal lógica arruína um real projeto político emancipador, pois proíbe pensar no processo de descolonização, tanto ao nível das estruturas políticas como ao dos espíritos.

Bourdieu e Sayad, como o livro bem expõe em seu último capítulo, produzem uma sociologia enquanto uma ferramenta capaz de oferecer possibilidades de emancipação social à luz do conhecimento científico. Esta sociologia reflete sobre os caminhos abertos para uma verdadeira transformação democrática da sociedade após a guerra de libertação e sobre os perigos de reproduzir a dominação colonial sem o colonizador. É uma rica meditação sobre a convergência da ciência, democracia e pedagogia racional como elementos inescapáveis para a produção da emancipação humana.

Não há dúvidas de que a sua aguardada publicação vem em um momento bastante especial, como dito no início desta resenha. Amín Pérez traz, ao público, um livro que nos convida a pensar como uma sociologia comprometida, ainda que nas condições mais adversas, pode se tornar uma ferramenta de denúncia da violência histórica de elites internacionais. Com ele próprio escreve no sexto capítulo, “[é] por isso que Bourdieu e Sayad não concebem a sociologia como uma reflexão abstrata e estéril, mas como uma arma de compreensão do mundo social e um instrumento de sua transformação política” (2022: 233. *Tradução minha*). Não por acaso, por mais distante que seja de um leitor brasileiro não tão familiarizado com a luta da independência da Argélia, uma sociologia crítica é capaz de demonstrar o quão próximos estamos deles.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Argélia 60: estruturas económicas y estructuras temporales*. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 2006 (1977).
- BOURDIEU, Pierre e MAMMERI, Mouloud. Sobre o uso apropriado da etnologia. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 12, n. 1, jan.-abr. 2022, pp. 11-31.
- BOURDIEU, Pierre. *Travail et travailleurs en Algérie*. Paris, Raisons d’agir, 2021 (1963).
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço para uma auto-análise*. Lisboa, Edições 70, 2005 (2004).
- CHACHOUA, Kamel. Pierre Bourdieu et l’Algérie: Le savant et la politique. *Remmm Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée*. Aix-en-Provence, França, v. 22, n. 2, maio-ago. 2012, pp. 223-235.
- ENIB - *École Normale d’Instituteurs de Bouzaréa*. Disponível em: <http://www.bouzarea.org/>. Acesso em: 8 out. 2022.
- GO, Julian. *Postcolonial Thought and Social Theory*. New York, Oxford, University Press, 2016.
- GO, Julian. Bourdieu, Argélia e a Perspectiva Pós-Colonial. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2018, pp.11-32.
- SAYAD, Abdelmalek. Les libéraux un pont jeté entre les deux communautés. *Études Méditerranéennes*. Nice, França, n. 7, 1960, pp. 43-50.

Recebido em: 10/10/2022

Aprovado em: 06/02/2023

Como citar esta resenha:

DIAS, Gustavo. Bourdieu & Sayad: o forjar de uma sociologia sobre a ordem colonial em tempos de guerra. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 13, n. 1, jan. - abril. 2023, pp. 335-342.